

NOTA TÉCNICA

IDENTIFICAÇÃO DA REQUISIÇÃO

CÂMARA/VARA: 1ª UNIDADE JURISDICIONAL – 1º JUIZ DE DIREITO
COMARCA: Mones Claros

I – DADOS COMPLEMENTARES À REQUISIÇÃO:

NÚMERO DA SOLICITAÇÃO: 2024.0005509

IDADE: 50 anos

Sexo: Masculino

DOENÇA(S) INFORMADA(S): CID 10 N35 e N39

PEDIDO DA AÇÃO: Procedimento correção cirúrgica da estenose

FINALIDADE / INDICAÇÃO: ESTENOSE DE URETRA (CID N35) E ITU DE REPETIÇÃO (CID N39)

REGISTRO NO CONSELHO PROFISSIONAL: CRMMG 64.741

II – PERGUNTAS DO JUÍZO:

Informação sobre os medicamentos pretendidos, da patologia apresentada, bem como sobre o tratamento prescrito e competência para o seu fornecimento

III – CONSIDERAÇÕES/RESPOSTAS:

Conforme relatório médico, datada de 20/02/2024 trata-se de ASF, **50 anos com estenose e ITU repetição**. Evoluindo com **ITU de repetição** há quase **10 anos**, o que **incapacita para suas atividades da vida diária**. Tentativa de tratamento de ITU de repetição, curso com **recidiva**. Necessita de correção cirúrgica da **conduta terapêutica** no caso é **exclusivamente cirúrgica**, sendo o tratamento efetivo para a **resolução da problema ITU** de repetição.

A uretra é um órgão tubular por onde a urina flui para fora da bexiga. A uretra masculina pode ser dividida em uretra anterior, envolvendo a uretra peniana e bulbar e a uretra posterior, representada pela uretra membranosa. **Logo na saída da bexiga, atravessa a próstata**. Em sua porção medial na região que corresponde à curvatura da uretra antes dela entrar na pelve, encontra-se a uretra bulbar, onde encontra-se o esfíncter urinário, que controla a eliminação voluntária da urina.

Estenose uretral é um estreitamento de um segmento da uretra, que pode resultar em diminuição ou mesmo interrupção completa do fluxo urinário, acarretando em uma série de complicações. Qualquer parte da uretra pode ser afetada, sendo que a extensão do estreitamento pode variar de alguns milímetros ou até mesmo afetar a uretra em toda a sua extensão. Em geral, existe deposição de tecido cicatricial fibrosante na região da estenose. As estenoses de uretra podem ter origem idiopática, iatrogênica, inflamatória e traumática. Estudo de meta-análise descreve que, 33% das estenoses de uretra são de origem idiopática, 33% iatrogênica, 19% traumáticas (queda a cavaleiro) e 15% inflamatórias. Em nosso meio, a principal causa de lesão uretral é o trauma iatrogênico causado por procedimentos endourológicos, cirurgias prostáticas convencionais e uso de sondas uretrais.

O diagnóstico deve ser suspeitado em todo paciente que apresentar sintomas obstrutivos do trato urinário inferior e tenham uma história progressa de manipulação do trato urinário como o uso de sondas uretrais, cirurgias urológicas endoscópicas ou cirurgias prostáticas convencionais, traumatismo de alta energia com comprometimento dos ossos pélvicos ou ainda pacientes com história de queda a cavaleiro. Queixas de fluxo reduzido de urina geralmente é o primeiro sintoma. Dificuldade miccional é bastante comum, porém a interrupção completa do fluxo é rara. Jato espraído ou duplo, gotejamento de urina após a micção, aumento da frequência miccional, noctúria, algúria e incontinência urinária podem ser observados. O estreitamento provoca uma dilatação da uretra proximal pelo aumento da pressão no trato urinário acima da estenose. A bexiga pode apresentar sinais de hipertrofia ou enfraquecimento. Por causa da estase, infecções urinárias e prostatites são complicações bastante comuns em pacientes com estenose.

Embora todas as estenoses de uretra tenham em comum, a mesma apresentação, resumidas na forma de jato urinário fraco,

sensação de micção incompleta e aumento da frequência miccional; a localização precisa do local da estenose é capital para se determinar o melhor tratamento a ser adotado. Os exames complementares que auxiliam no diagnóstico e o estadiamento são: a fluxometria urinária e o estudo urodinâmico revelam uma jato urinário fraco, regular e achatado, que representa a dificuldade da urina em deixar a bexiga; **uretrocistografia miccional e retrograda permitem avaliar a localização da estenose com 94% de sensibilidade**; a **cistoscopia** que permite examinar a região da estenose com um endoscópio especial. Indicada principalmente quando há dúvidas se a estenose de uretra é ao nível da uretra membranosa, prostática ou da anastomose uretro-vesical em paciente submetidos à prostatectomia radical. Tal dúvida é gerada na uretrocistografia devido à contração do esfíncter uretral externo, que faz com que não haja gradiente de pressão retrógrado para o delineamento dos segmentos uretrais posteriores ao esfíncter. Além deste exames, a ressonância nuclear magnética e a ultrassonografia e a da uretra podem ser usadas para ajudar a elucidar melhor a área da estenose.

A definição da técnica cirúrgica a ser utilizada deve levar em conta a etiologia da estenose, a localização, a severidade, o comprimento da estenose, os tratamentos prévios, as comorbidades, a presença de líquen escleroso e a preferência do paciente. O estadiamento pré-operatório da estenose é fundamental para o planejamento cirúrgico, mas, muitas vezes, por mais cuidadoso que seja, pode ser insuficiente. Por este motivo, **é fundamental que o cirurgião domine múltiplas técnicas de uretroplastia, pois mudanças de planos são comuns durante a cirurgia. Como regra geral, a uretroplastia na estenose uretral recorrente, deve ser realizada em centros de referencia. Avaliação multiprofissional** pré-operatória com psicologia, nutrição e fisioterapia é importante, ajudando o cirurgião no entendimento das expectativas do paciente e facilitando a decisão conjunta do tratamento.

Os tratamentos cirúrgicos são geralmente necessários para a

estenose obstrutiva da uretra. Ao pensar no **tratamento das estenoses de uretra**, é obrigatório ter ciência que se trata da abordagem de uma cicatriz e, para tal, **os melhores resultados são obtidos com a remoção completa deste tecido cicatricial, quando possível, e anastomose boca a boca entre os segmentos saudáveis.** Na impossibilidade da remoção completa, pode-se lançar mão de técnicas com a utilização de retalhos e/ou enxertos para substituição de grandes segmentos uretrais, **ureteroplastia autógena.** No tratamento da **estenose uretral aguda, ou de urgência, o cirurgião pode utilizar meios endoscópicos** (dilatação uretral ou uretrotomia interna) **ou cistostomia suprapúbica.** Dilatações uretrais e mesmo uretrotomias internas têm um papel muito limitado no tratamento das estenoses devendo ser considerados somente **como tratamento paliativo**, na grande maioria dos casos. **O uso da cistostomia por um período mínimo de 30 dias pré operatório** é uma prática que **deve ser encorajada.** A urina passando sob altas pressões na uretra obstruída, além de dilatar o segmento proximal à obstrução causando um subestadiamento da lesão, ainda **piora a qualidade da mucosa uretral** que será utilizada durante a cirurgia. **A uretroplastia, ou a excisão do segmento estenótico da uretra e anastomose com tecidos saudáveis e saudáveis, é considerada a forma mais adequada e definitiva de tratamento das estenoses de uretra.** Vários estudos comparando outras formas de tratamento das **estenoses de uretra até 2 cm, com a uretroplastia convencional com anastomose termino-terminal**, demonstram que o realinhamento após a ressecção do segmento estenótico apresenta o **melhor resultado clínico, e a menor taxa de recidiva** no longo prazo, com **índices de sucesso de 90 a 95%.** Casos em que o comprimento da **estenose é maior do que 1.5 cm podem necessitar de enxerto a fim de reconstituir o tubo uretral, anastomoses término terminal estendida com retalho de prepúcio.** Nos casos onde foi necessário a **colocação de enxertos de mucosa oral, estenose maiores que 2,5 cm, tidos como mais graves e complexos, o índice de sucesso num prazo de 3 anos é de 88%, com índices de recorrência de 15%.**

As complicações cirúrgicas das uretroplastias variam muito na dependência da localização e da técnica usada, sendo a complicação mais comum a recidiva da estenose. Fístulas urinárias também podem ocorrer em qualquer segmento operado. Nas uretroplastias com enxerto, pode ocorrer necrose do enxerto e com necessidade de reenxertia.

No SUS o procedimento de correção de estenose de uretra estão previstos na Tabela SIGTAB, procedimentos de média complexidade, disponíveis para realização em unidades especializadas como uretroplastia, ou a excisão do segmento estenótico da uretra. Assim não existe solicitação de procedimentos diversos, não contemplados pelo SUS, que requeiram avaliação de indicação, imprescindibilidade, substituição ou não pelo NATJUS, sendo de competência do gestor local, no caso o município de Montes Claros. Trata-se de demanda, estritamente relacionada à gestão da assistência a saúde e depende da melhor articulação de fluxos pelo gestor local, no caso o município de caso Montes Claro, de gestão plena, o que foge à finalidade do NATJUS - TJMG.

Conclusão: trata-se de paciente 50 anos com estenose e ITU repetição. Evoluindo com ITU de repetição há quase 10 anos, o que incapacita para suas atividades da vida diária. Tentativa de tratamento de ITU de repetição, curso com recidiva. Necessita de correção cirúrgica da conduta terapêutica no caso é exclusivamente cirúrgica, sendo o tratamento efetivo para a resolução da problema ITU de repetição.

A Estenose uretral é um estreitamento de um segmento da uretra, que pode resultar em diminuição ou mesmo interrupção completa do fluxo urinário, acarretando em uma série de complicações. Podem ter origem idiopática, iatrogênica, inflamatória e traumática, sendo em nosso meio, a principal causa de lesão uretral é o trauma iatrogênico causado por procedimentos endourológicos, cirurgias prostáticas convencionais e uso de sondas uretrais.

O diagnóstico deve ser suspeitado em paciente que apresentar

sintomas obstrutivos do trato urinário inferior e tenham uma história progressiva de manipulação do trato urinário e queixas de jato urinário fraco, sensação de micção incompleta e aumento da frequência miccional. O estreitamento provoca dilatação da uretra proximal pelo aumento da pressão no trato urinário acima da estenose, levando a **sinais de hipertrofia ou enfraquecimento da bexiga**.

A **localização precisa do local da estenose é capital para se determinar o melhor tratamento a ser adotado**. Os exames complementares que auxiliam no diagnóstico e estadiamento da estenose são: a fluxometria urinária e o estudo urodinâmico; uretrocistografia miccional e retrograda; a cistoscopia.

A definição da técnica cirúrgica a ser utilizada deve levar em conta a etiologia, a localização, a severidade, o comprimento da estenose, os tratamentos prévios, as comorbidades, a presença de líquen escleroso e a preferência do paciente. Como regra geral, para realização de uretroplastia na estenose recorrente, os pacientes devem ser referenciados para centros capacitados. **Os tratamentos cirúrgicos são geralmente necessários para a estenose obstrutiva da uretra**. Ao pensar no tratamento das estenoses de uretra, é obrigatório ter ciência que se trata da abordagem de uma cicatriz e, para tal, os melhores resultados são obtidos com a remoção completa deste tecido cicatricial, quando possível, e anastomose boca a boca entre os segmentos saudáveis. Na impossibilidade da remoção completa, pode-se lançar mão de técnicas com a utilização de retalhos e/ou enxertos para substituição de grandes segmentos uretrais, ureteroplastia autogena. O uso da cistostomia por um período mínimo de 30 dias pré operatório é uma prática que deve ser encorajada. A uretroplastia, ou a excisão do segmento estenótico da uretra e anastomose com tecidos saudáveis e saudáveis, é considerada a forma mais adequada e definitiva de tratamento das estenoses uretrais. Pode ser realizada com anastomoses primárias ou com enxertos/retalhos de tecidos, **ureteroplastia autogena**. Vários estudos comparando formas de

tratamento das **estenoses de uretra até 2 cm, com a uretroplastia convencional com anastomose termino-terminal**, demonstram que o realinhamento após a ressecção do segmento estenótico apresenta o **melhor resultado clínico, e menor taxa de recidiva** no longo prazo, com **índices de sucesso de 90 a 95%**. Casos em que o comprimento da **estenose é > 1,5 cm** podem necessitar de enxerto, para reconstituir a uretra, **anastomoses término terminal estendida com retalho de prepúcio**. Nos casos onde foi necessário a **colocação de enxertos de mucosa oral, estenose > 2,5 cm, tidos como mais graves e complexos de, o índice de sucesso num prazo de 3 anos é de 88%, com índices de recorrência de 15%**.

No SUS a uretroplastia está disponível, na Tabela SIGTAB, como procedimento de média complexidade, para realização em unidades especializadas. Desta forma, a responsabilidade de prover os fluxos para a realização da cirurgia, cabe ao gestor local, não existindo solicitação de procedimento diverso, não contemplado pelo SUS, que requeira avaliação de indicação, imprescindibilidade, substituição ou não pelo NATJUS, mas necessidade melhor articulação de fluxos, competência esta, do gestor local, no caso o município de Montes Claros, que é de gestão plena.

IV – REFERÊNCIAS:

1- McAninch JW, Lue TF. **Urologia geral de Smith e Tanagho**. 18.ed New York. Lange. 2014. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=soLrBgAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false.

2- Lima TFN, Peixoto GA, Sakuramoto PK. Abordagem contemporânea da estenose de uretra. **Revista UROABC**. 2017;7(1):18-21. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/338805473_Abordagem_contemporanea_da_estenose_de_uretra.

3- Andrich DE, Mundy AR. What is the best technique for urethroplasty? **Eur Urol**. 2008;54(5):1031-41. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0302283808009111?via%3Dihub>

4- Lumen N, Spiers S, De Backer S, Pieters R, Oosterlinck W. Assessment of the short-term functional outcome after urethroplasty: a prospective analysis. International Braz J Urol. 2011;37(6):712-8. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ibju/a/hd7KGDQSZbsDpwQFrYZYvnk/?format=pdf&lang=en>

5- Latini JM, McAninch JW, Brandes SB, Chung JY, Rosenstein D. SIU/ICUD Consultation on Urethral Strictures: Epidemiology, Etiology, Anatomy, and Nomenclature of Urethral Stenoses, Strictures, and Pelvic Fracture Urethral Disruption Injuries. **Urology**. 2014;83(Supplement 3A):S1-S7. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.1037.4055&rep=rep1&type=pdf>.

6-. Nardi AC, Nardoza Jr. A, Fonseca CEC, Bretas FFH, Truzzi JCCI, Bernardo WM. **Diretrizes urologia AMB**. Rio de Janeiro, 2014: SBU - Sociedade Brasileira de Urologia, 2014. 382p. Disponível em: http://sbu.org.br/pdf/recomendacoes/livro_uroneurologia_hpb.pdf.

6- American Urological Association e Sociedade Brasileira de Urologia. Diretrizes guia de bolso. Uma Referência Rápida para os Urologistas. Rio de Janeiro, 2017. 273p. Disponível em: http://portaldaurologia.org.br/medicos/wp-content/uploads/2017/08/guideline_AUA_SBU-ilovepdf-compressed.pdf.

7. Ministério da Saúde. Sistema de Gerenciamento da Tabela de Procedimentos, Medicamentos e OPM do SUS - SIGTAB. Disponível em: <http://sigtab.datasus.gov.br/tabela-unificada/app/sec/inicio.jsp>.

V – DATA:

29/04/2024

NATJUS – TJMG